



## O mês das Almas

Novembro é o mês das Almas, em que a piedade católica lembra com saudade os que já partiram pedindo a Deus para eles o eterno descanso.

Orações, esmolas, indulgências, tudo isso pode aliviar as Almas benditas que no Purgatório vão expiando as suas faltas até ao dia da purificação total.

Rezemos pelas Almas do Purgatório, mas não esqueçamos que a melhor maneira de sufragar os que sofrem no Purgatório é oferecer por eles o Santo Sacrifício da Missa.

Se pudermos, mandemos celebrar muitas missas pelas Bemditas Almas. Se o não pudermos, vamos ao menos tomar parte na Santa Missa e aplicar por elas os Merecimentos dessa piedosa obra.

**Quando precise dum jornal diário, o católico deve pedir sempre as «Novidades».**

# Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos / Empresa Editora: «União Gráfica» — R. de Santa Marta, 158-Lisboa / Administrador: P. António dos Reis

## PALAVRAS DE SUA EMINÊNCIA

Que viemos fazer a Fátima?

Fátima converteu-se, desde o ano das aparições, num santuário nacional, onde a alma portuguesa vem orar e fazer penitência.

Nossa Senhora continua aqui, duma maneira especial, a sua augusta missão de dar Cristo aos homens, Cristo que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

Dá-O a Portugal, por graça extraordinária do Céu. E começamos a crer que desceu aqui, para o dar também ao mundo todo.

Nós viemos aqui, os Metropolitanos portugueses com o Senhor Bispo de Leiria e os outros Venerandos Prelados, em representação da Igreja em Portugal, da qual, por graça de Deus e escolha do Soberano Pontífice, somos os Chefes — para dirigir para o «Pai que está nos Céus», por intermédio de Nossa Senhora, a oração de Portugal.

Nesta hora trágica do mundo, em que o flagelo da guerra o castiga duramente, em que, como disséramos há pouco, em documento público, corre já alto o rio do sangue humano, em que um povo inteiro, sobre cujo martírio não podemos deixar de chorar como irmãos, é imolado, em que centenas de milhares de crianças são arrebatadas à lição maternal da Igreja, em que famílias numerosas perdem de repente toda a sua herança material, moral e religiosa, em que mãis, espósas, noivas, irmãs e filhas choram ansiosas a sorte de filhos, maridos, noivos, irmãos e pais: — nesta hora, em que o incêndio da guerra ameaça alastrar-se pela terra, pelo mar e pelo ar, sentimos que pode pouco todo o poder humano, e é para Deus todo-poderoso que elevamos o coração contrito e cheio de esperança.

Viemos aqui para pedir a Deus que apresse o fim da guerra e nos traga uma paz justa e duradoira; que o sangue já derramado seja o preço duma organização internacional que respeite os direitos de Deus, assegure o direito, mantenha a paz, salve a existência e a liberdade dos povos, defenda a pessoa humana; que Portugal seja poupado aos horrores das destruições, incêndios, violações, mortes e sofrimentos, que são o cortejo inseparável da guerra; que a graça de Deus ilumine, inspire, conforte, sustente e defenda os nossos governantes, guardas da nossa honra nacional, e da nossa segurança, e do património pela nação acumulado em oito séculos de história.

Viemos para orar pelas vítimas inocentes da guerra: — pelas mulheres que trazem com luto no ventre a alegre promessa da

vida; pelas mãis que choram com altivez a morte gloriosa dos filhos; pelas crianças inocentes que riem sem conhecer sequer a desgraça que os fere; pelos heróis que combatem pela sua pátria; pelos soldados mutilados, que olham com tristeza para um futuro incerto; pelos que, com o coração sêco de desespero, não podem já nem chorar nem rezar; pelos que caíram para sempre no campo da batalha ou a morte traiçoeira foi buscar ao lar inerme dos seus amores.

Viemos para orar por todos, sem distinguir entre eles, onde quer que se encontrem, e sofram dor e aflição.

Por que viemos a Fátima? Viemos a Fátima, porque Fátima nos dá a impressão de estarmos mais próximos da SS.<sup>ma</sup> Virgem.

Desde que Ela, a Cheia de Graça, aqui se dignou de aparecer, parece ao coração humano que na Cova da Iria estabeleceu o seu principal trono de audiências para atender às súplicas dos portugueses.

E o coração cristão sente-se mais afoito a subir até junto do Trono altíssimo de Deus, depondo confiantemente nas Mãos purísimas da Mãe de Misericórdia o rosário das suas preces.

As que hoje vimos depor, inspira-as a gravidade do momento que atravessamos.

A Santa Igreja mesma nos ensinou a invocar a Augusta Mãe de Deus e nossa Mãe celeste com o nome de Rainha da Paz. Nós sabemos que jamais se ouviu dizer que alguém invocasse em vão, sendo por ela desamparado.

Queremos comover o seu Coração Imaculado, lembrando-lhe insistentemente que o Senhor no-la deu, para que Ela nos desse Jesus que é o Príncipe da Paz.

Na sua Mensagem aos pastorinhos, Nossa Senhora deu-nos a oração e a penitência como as armas que vencem todas as outras armas.

Todos nós, os que rezamos «Pai nosso que estais no céu», sabemos que a Providência divina rege os destinos humanos, e que nem um só cabelo nos cai da cabeça sem sua permissão.

No baptismo e especialmente na confirmação, recebemos a força d'Aquêle que é Onnipotente. Enquanto formos fiéis à sua graça, não há poder, nem na terra nem no inferno, que nos possa vencer.

Deu-nos o Senhor no Evangelho o segredo da paz, entre Deus e os homens e entre os homens uns com os outros. Mas nós, desprezando a lei de Deus, pecando — é que causámos a guerra.

A guerra é o fruto da desordem humana. Que todos os filhos de Deus se unam numa ofensiva pacífica — de oração e penitência. Restituamos a Deus os seus direitos sobre nós para que Ele faça triunfar os nossos direitos, isto é, os direitos entre os povos e entre os homens.

Procuramos, primeiro, o reino de Deus, pois nos está prometido pela Verdade, que o mais nos será dado por acréscimo.

Visto que está prometido à oração que tudo lhe será concedido, apressemos, orando e fazendo penitência, a hora da paz.

Fiéis! Está na vossa mão apressar o fim da guerra e torná-la menos dura enquanto ela existir.

Não disse um grande general que ele preparava a estratégia da batalha, mas a vitória era Deus que a dava?

Não foi com a arma do Rosário que S. Pio V venceu os turcos em Lepanto e salvou a Europa?

Nós vemos os combates das forças humanas; mas há outras forças invisíveis que dirigem aquelas.

A história humana é um tecido de que nós só vemos o bordado externo; o fio oculto prende-se invisivelmente nas mãos de Deus. Os que entram na confecção dêle tecem apenas um pormenor; o desenho completo só lhes será revelado no paraíso.

Filhos de Deus, ao alto os vossos corações!

Está declarada a mobilização das almas. O assalto a dar é contra o Céu, até ao próprio Coração do Pai Celeste.

Usai do vosso direito que vos deu o baptismo: — de filhos. Tendes sempre direito de audiência junto d'Ele. Introduz-vos Nosso Senhor Jesus Cristo — o Filho em quem o Pai põe toda a sua complacência. Peçamos-lhe perdão e misericórdia, em nome de todos os homens aflitos.

Peçamo-lo pelo Coração Imaculado de Maria Mãe de Deus e Mãe nossa; Mãe nossa, tem coração que sente a angústia das nossas súplicas filiais; Mãe de Deus, tem poder sobre o Coração d'Ele, para que Ele nos dê a paz.



PEREGRINAÇÃO DE 13 DE OUTUBRO DE 1939.

Sua Eminência o Senhor Cardinal Patriarca e os Ex.<sup>mas</sup> Prelados abençoam o povo.

Da esquerda para a direita Suas Ex.<sup>mas</sup> Rev.<sup>mas</sup> os Senhores D. António Augusto de Castro Melreles, Bispo do Porto; D. Agostinho de Jesus e Sousa, Bispo de Lamego; D. António Antunes, Bispo Conde de Coimbra; D. Manuel Mendes da Conceição Santos, Arcebispo de Évora; D. António Martins Júnior, Arcebispo Primaz; Sua Eminência o Senhor Cardinal Patriarca de Lisboa; Dr. Ryan, Arcebispo de Port of Spain — Trindade — América do Norte; D. José do Patrocínio Dias, Bispo de Beja; D. Rafael da Assunção, Bispo de Cabo Verde; D. Albino Gonzalez y Menendez Reigada, Bispo de Tenerife (Canárias)

**Portugal, ajoelhado aos pés de Nossa Senhora da Fátima, implora a paz**

PALAVRAS MANSAS

Mês dos Finados

Junto do cemitério da aldeia passa o velho caminho mourisco, que penosamente sobe do rio para a serra alta, caminho que vai descobrindo panoramas cada vez mais dilatados e belos. O Douro, a linha férrea, encostas escarpadas e verdejantes, ravinas profundas, casas solarengas desabitadas, duma tristeza sem fim, povoados em que a vida sorri na brancura do casario, cabeços do Marão, espigões de Montemuro...

Além do rio há, para Tormes, um caminho semelhante, que Eça de Queiroz descreve, e pinta em «A Cidade e as Serras» com uma arte repassada já dum vivo e carinhoso apanh à nossa terra.

O cemitério separado do caminho por um gradil muito singelo pede, súplica, como nenhum outro, as orações de quem passa. Há ainda dentro dêle mãos erguidas, e parece que se voltam para nós, aflorando pallidamente da terra...

Do caminho vê-se tudo — campos, taboetas, letreiros, retratos, cruzes e rosas murchas. Diante de Deus e dos homens, a grande e eterna palavra — Miserere!

Para estar mais perto de Jesus crucificado, o cemitério é pobre. Tem apenas uma cruz de mármore e um estreito jazigo de pedra lavrada, em que repousam os últimos representantes duma nobre família extinta.

Não solicita, pobre como é, admirações e louvores; pede sufrágios. Como tantos outros, tem ciprestes que falam da ressurreição, muito vultados para o céu, e acolhem, sobretudo à noite, as avesitas do campo. Frémidos de vida sobre os despojos da morte...

A frontaria do cemitério dá para o adro, muito espaçoso mas afogado pelos muros que o rodeiam. Ainda bem, porque assim a igreja não lhe faz só visinhança; é também para êle assistência piedosa, compaixão maternal, sufrágio indefinido... A igreja projecta sobre o cemitério a sua sombra, a sua bênção, a sua alma, a própria claridade da lâmpada que alumia devotamente o sacrário...

Quando se generalizaram os enterros nas igrejas, para aquém do século XIII, as sepulturas constituíam propriedade das diversas famílias da paróquia. Numa freguesia da Beira-Douro, vi um tombo do século XVI em que elas eram minuciosamente descritas e confrontadas, com o nome dos seus possuidores. Transmissões sucessivas a famílias cada vez mais numerosas terminavam por pul-

verizar o direito, revertendo as sepulturas à propriedade da igreja, que podia fazer novas cedências.

Dava-se então a estas o nome de casas. Era freqüente dizerem os testadores: quero ser enterrado na casa que tenho na igreja da minha freguesia, se não estiver impedida.

Depois da casa em que se esperava, com mais ou menos resignação, a morte, a casa em que se ia esperar a ressurreição final. Milton também diz que a sepultura é a casa natal de nós todos.

Nem tudo é esfacelo e horror debaixo da leiva do cemitério, no interior destas casas. Diz um padre da Igreja que até aí há anjos que velam as cinzas santificadas pela graça dos sacramentos.

Que silêncio, que quietação e que paz, no cemitério da aldeia! O próprio trabalho de renovação à superfície, feito pela natureza, parece trabalho de mãos misteriosas pela calada da noite... Aqui e além, mas raramente, um tal ou qual abandonado, porque já não há na mão dos mortos as coisas que interessam e apaixonam os vivos. Abandono, silêncio de perto e de longe...

Ninguém lida pelos campos, ninguém passa no caminho; as aves do céu não costumam cantar na ramagem esguia dos ciprestes...

O morrer da tarde tem uma beleza de sonho. Já se despediu o sol, que se deixou ver por algumas horas, muito claro e doce. No azul esmaecido do céu há franjas de púrpura e ouro. Na espinhaço dos montes que descem precipitadamente para o rio uma luz pallida, magoada, trespassa e idealiza os arvoredos... Beleza frágil, efêmera, que a noite, imagem da morte vai bem depressa apagar. Só para os mortos, que morrem no Senhor há o eterno dia e a eterna beleza.

Quem visita um cemitério, além de se familiarizar com um santo e salutar pensamento, modifica, quasi sempre para melhor, o seu conceito da vida. Succede também que se li tivermos cinzas veneráveis e queridas, sentimos, que, por mais anos que tenham e por mais frias que estejam, há nelas ainda uma bênção misteriosa. Bênção que nos chama, espera, afaga e, finda a visita de fé e de saudade, vem pelo caminho suavemente connosco...

Mês de novembro, mês de guerra. Rezemos pela paz e rezemos pelos finados.

Correia Pinto

Um sóco revelador

Entre rapazes, Luis e Paulo. Um destes deu no outro um sóco de amigo, como às vezes fazem os rapazes, a brincar. Luis que o tinha dado, sentiu qualquer coisa dura, debaixo da camisa, no vazio do estômago do outro e disse-lhe:

— Os teus ossos são sólidos e duros como ferro: até a mão me ficou roxa. Paulo, jovem operário cristão, desata a rir.

— Sabes que me fizeste doer com o teu sóco?

E tirando a gravata, puxou por um fio de couro de que estava suspenso um Crucifixo, já luzidio com o uso.

— Ora cá está e aproximando os lábios, explica:

— É êle que me defende e me protege contra os maiores reveses quando isto não anda. É Ele que me guarda ainda melhor de certa perigosa moleza.

E a Ele que eu devo a honra, a cândida pureza dos meus vinte anos, a alegria da minha juventude.

E uma vez mais, Paulo aproxima os lábios da imagem do Crucificado. Tempos depois, Paulo entra para o Seminário. Um dia será sacerdote, isto é, crucificado pela humanidade.



O ECZEMA QUE NOS ENLOQUECE é sob a pele que se mata, porque é sob a pele e não à superfície, que se encontram os germens que lhe dão origem.

O remédio Inglês D. D. D. não se contenta em aliviar o mal, elimina-o. Penetrando profundamente nos poros, atinge e mata os micróbios geradores do Eczema, Dartros, Herpes, Borbulhas, Comichões, etc. Nenhuma afecção da pele resiste a algumas aplicações do remédio Inglês D. D. D.

Representante e Depositário:

António Madureira

Rua Heróis de Chaves, 602 — Telef. 2141 — Porto.

ACTUALIDADES

— Então?... A guerra?... É certo?...

— Certíssimo! Rebentou esta manhã entre a Alemanha e a Polónia!

Bem queria o sr. Justino da Praça dar à voz um tom consternado. É que, a par da visão sinistra que a ideia da guerra a todos proporcionava, outra se lhe avolumara nos últimos dias, desde que se via imminente o conflito, e que acabava sempre por afogar a primeira: o vasto armazem, ao correr das trazeiras da loja e da casa de habitação, entulhado de sucata, ia esvaziar-se e o fornecimento da loja, com jeitinho, havia também de render coisa que se visse...

A esposa, que o aguardava no alto da escada, ficou uns instantes estareçada, mas logo inquiria ofegante:

— E nós?... Portugal?... O nosso filho?...

— Sabe-se lá o que isto dará...

Um gesto largo, significativo de dúvida e receio, acompanhara a frase e o comerciante pôs-se a subir lentamente com o péso dos anos e das cansaças. Já a mulher se debulhava em lágrimas.

— Que horror... que horror... Que vai ser de nós! exclamou.

— Esperemos, respondeu Justino. Nada de ralar antes de tempo. Por agora... o que é preciso... é olho vivo com os agambarcadores e despachar-se o que está para aí empalado...

— És mesmo tu... todo! atirou-lhe a mulher entre desdenhosa e enfurecida. No meio duma desgraça destas só te dá cuidado o lucro! Deixa... que lá o levarás para a cova.

— Não comeces, mulher, aconselhou êle alterado. Bem me basta cá a ralação...

— Está-se mesmo a ver, repondeu ela, já de olhar seco e incendido.

E a cena ameaçava tornar-se violenta se não fosse a chegada do filho que tinha a sua conta o amanhã duma pequena propriedade que êles pomposamente denominavam a quinta.

— Então que há de novo? perguntou o rapaz — vinte e três anos alentados, rosto inteligente e bondoso. Bem se apercebera êle da tempestade doméstica, mas fazia a pergunta em tom natural, despreocupado, como se não tivesse um fim: serenar os ânimos e desanuviar os ares.

Mas o propósito falhou.

— O que há de novo?... Há a guerra... entendes?... A guerra que te pode levar, meu filho!

— Deixa lá, minha mãe! Este mundo para todos é uma passagem! Tanto faz ir dum modo como doutro contanto que a gente vá na graça de Deus.

— É isto! soluçou a mãe. O marido só a pensar nos lucros que a guerra lhe traz e o filho nesta paz d'alma que põe em pé os nervos duma pessoa...

...

Passaram três semanas. O dia começava brumoso e triste, mas a terra aparecia ridente sob o orvalho criador e a horta do Zé do sr. Justino vicejava como nenhuma outra naquelas redondezas. Também nos olhos do moço, caminhando pensativo por uma ruazita guarnecida de girassóis, brilhava o orvalho das lágrimas que êle contivera à vista do desespero da mãe e das apreensões do pai quando chegara a ordem de partir para Santarém a apresentar-se com outros reservistas.

Falava-se em que não havia nada, que era só para o que desse e viesse, mas o caso é que a vila estava alarmada e êle e os companheiros, avisados na véspera, tinham de abalar na

quele mesmo dia. E o pior era os que deixavam já mulher e filhos, que êle, por enquanto, além dos pais, não tinha senão a prisão daquela quinta que fazia todo o seu orgulho. Mas mais tarde, quando o dinheiro que ia amealhando chegasse para construir uma casita, ao fundo da horta, muito branquinha, contra o fundo luxuriante do laranjal...

A mesma hora, enquanto o seu Zé assim devaneava sobre o futuro, já esquecido talvez do monstro ameaçador da guerra, a mãe entrava-lhe no quarto porque o tempo voava e era preciso apressar-lhe as coisas. Agora, porém, parada em frente do pequeno oratório que o filho construíra e adornara por suas próprias mãos, a esposa do sr. Justino da Praça parecia não ter já pressa. Não fora ela educada nessas coisas de religião e o seu homem ainda menos, mas como os fregueses mais finos da loja mandavam os filhos à doutrina, resolveu deixar ir o seu e lá arrancou para isso o sim ao marido. O rapaz fizera a comunhão solene e continuara a sacramentar-se pelo menos nas festas grandes a-pesar-dos gracejos e censuras que lhe não eram poupados até pelos pais...

Era talvez o primeiro exame de consciência nesse ponto que aquela mãe ia fazendo ainda que instintivamente.

De súbito, lançando-se de joelhos em frente do oratório, indiferente ao reumático que tanta vez apresentava como motivo de não ir à igreja, soluçou:

— Ó meu Deus... não me leveis o meu filho para a guerra que eu prometo... sim... a-pesar-desta idade... aprender ainda a vossa doutrina e... praticá-la!

Em baixo, na loja, também o sr. Justino dava mostras de extraordinária comoção. Os fregueses — que muitos dêles, mais à vontade ali que na farmácia do lado, iam antes para saber e comentar notícias que para mercar — não acabavam de se surpreender de que um homem tão metódico e ponderado, estivesse assim pallido e nervoso, mal atinando com o lugar das coisas e entregando uma quarta de arroz ao que pedira pregos e vice-versa. De vez em quando viam-no espreitar para fora... Seria à espera do filho, talvez, mas o que é certo é que, ao ver passar alguém ao fundo da praça, precipitou-se para a porta e bradou:

— Compadre!... ó compadre Matias...

COTOVELO DESLOCADO CAUSA DE UMA NEVRITE

Não podia estender o braço

Há cerca de quatro meses, certa mulher, leslocou o cotovelo mas, felizmente, de-pressa se recompoz. Pouco tempo depois, porém, não podia estender o braço. Foi ao raio X e o radiologista foi de opinião que se tratava de reumatismo, recitando-lhe Sais Kruschen — meia colher de chá todas as manhãs, num copo de água quente. Hoje está boa. A dor que sentia desapareceu-lhe e já faz todos os movimentos com o braço, podendo estendê-lo sem dificuldade.

O reumatismo é uma consequência do excesso de ácido úrico. Dois dos ingredientes que entram na composição dos Sais Kruschen têm a propriedade de dissolver os cristais do ácido úrico. Outros componentes de Kruschen auxiliam a natureza a expelir os cristais dissolvidos, pelas vias naturais. Kruschen vende-se em todas as farmácias.

E com a mesma precipitação que deixara os fregueses boquiabertos, mal o compadre entrou na loja, puxava-o para o armazém e, sem mais aquelas, punha-lhe as mãos nos ombros e dizia-lhe:

— Escute cá, compadre: eu no outro dia disse-lhe que já não tinha chapa z'ncada porque... você compreende... queria segurar-me p'ro negócio... Mas... se a guerra me leva o filho... o diabo leve o negócio. Aí a tem... Cedo-lhe a que quiser e pelo preço a que a estava a vender...

Acabados os exercícios o Zé do sr. Justino voltava à terra natal. Embora a guerra europeia continuasse — e desgraçadamente continua — e esperança de que Portugal manteria a sua neutralidade ia-se arreigando mesmo nos mais receosos e os reservistas, confiados, entregavam-se de novo às suas ocupações. No entanto nem o sr. Justino nem a mulher deram o dito por não dito, antes se conservaram firmes como rochas nos seus propósitos: êle, o de ser mais honrado comerciante do que até ali e de não se valer das dificuldades inevitavelmente acarretadas pela guerra para explorar o próximo; ela, recebendo do filho ao serão, com uma docilidade a toda a prova, as primeiras lições de doutrina cristã.

E o sr. Justino da Praça, nessa altura, por cima dos óculos asstados para um jornal cuja fôlha raro se virava, ia observando com interesse e mal contido entusiasmo o grande catecismo ilustrado que o seu Zé lhe punha sempre um pouco a jeito — assim como quem não quer a coisa...

M. de F.

**IMPÉRIO CRISOS AVIZ**  
 Não compre um chapéu qualquer!  
 Procure saber o que compra...  
 são marcas de inteira confiança  
**FABRICA TRIUNFO**  
 / JOAO DA MADEIRA

A venda nas seguintes casas:

Lisboa — Camisaria Moderna — Rossio, 110; Camisaria Confiança — Rua Augusta, 284; J. Nunes Corrêa & C., Lda — Rua Augusta, 250; Chapellaria Júlio César dos Santos — Largo do Corpo Santo, 12; Camisa d'Ouro — Praça do Brasil, 15-A; Chapellaria Phoenix — Rua de Alcantara, 43; Marques & Antunes — Rua da Graça, 89; Chapellaria Confiança — Rua da Misericórdia 145; Grandes Armazens do Chiado. Porto — Chapellaria Cassiano A. da Silva — Rua de Cedofeita, 38; Camisaria Confiança — Rua de Santa Catarina; Chapellaria Cassiano — Rua de Cedofeita, 54; Chapellaria Imperial — Rua Mártires da Liberdade, 54-56 e nas principais localidades do país.

# Graças de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Fátima

Por ordem do S<sup>e</sup> Apostólica faz-se o Processo Canónico duma cura operada na Fátima por intercessão do B. João de Brito

A 13 de Maio de 1937, deu-se na Fátima um facto extraordinário — a cura repentina e completa duma periviscerite, verificada por três médicos.

O facto divulgou-se; mas o que muitos ainda ignoram são as circunstâncias em que elle se deu.

O doente, por motivos muito respeitáveis, não queria pedir a cura. Intervém porém o respectivo Pároco, e propôs á doente que a pedisse se ella pudesse ser aproveitada para a canonização do B. João de Brito.

Efectivamente já nessa época se pediam milagres para a canonização do grande Missionário e Mártir português, glória fulgentíssima da Santa Igreja e de Portugal.

A doente deu pleno consentimento á proposta do seu Pároco, e veio á Fátima pedir á SS.<sup>as</sup> Virgem a sua cura se fôsse para a canonização do B. João de Brito.

A cura operou-se e mantém-se perfeita dando a impressão de ter sido milagrosa.

Não é, porém, a particulares que pertence julgar se houve ou não milagre. Esse direito é reservado á Santa Igreja. Para ella pois se apellou.

Desde que N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> appareceu na Fátima, têm-se operado aqui numerosas curas. Muitas delas foram submetidas a exame de abalçados cênicos, sob os olhares complacentes da Autoridade Ecclesiástica; mas nenhuma foi apresentada á Santa Sé. Só agora, pela primeira vez desde há 22 anos se recorreu á Sé Apostólica.

O Sumo Pontífice Pio XII ouviu a nossa ardente súplica. Por meio da S. C. dos Ritos mandou proceder a rigoroso exame científico e canónico do facto.

Esse trabalho realizado por um Tribunal presidido pelo Venerando Sr. Bispo do Porto, e constituído por 5 Juizes, 2 Sub-promotores da Fé, 2 notários e um eximio perito-médico vindo expressamente de Roma, está concluído e foi enviado para a cidade do Vaticano.

Lá, vai ser examinado por outros peritos-médicos e pelos membros da S. C. dos Ritos.

Se o resultado for positivo, se o milagre for reconhecido, que glória para a Senhora da Fátima, que triunfo para o B. João de Brito! O milagre é o selo de Deus a confirmar as suas maravilhas. Se na Cova da Iria se operou o milagre, mas o milagre autêntico, reconhecido pela Igreja, quem ousará pôr em dúvida que a SS.<sup>as</sup> Virgem num excesso de amor para com a nossa Pátria aqui veio ensinar-nos o caminho que leva ao Céu!

Peçamos, pois, fervorosamente ao Divino Espírito Santo que illumine os encarregados de examinar o processo, a fim-de que conheçam claramente quais os designios de Deus ao operar tal maravilha.

A. M.

## Agradecem diversas graças NO CONTINENTE

**D. Laura Barbosa — Senhora da Hora,** vem agradecer duas graças que diz ter alcançado do Céu por intermédio de Nossa Senhora da Fátima.

**António Alves de Sousa — Arcos do Valdevez,** tendo recebido uma graça por intercessão de Nossa Senhora da Fátima, vem manifestar o seu agradecimento por tão insigne favor.

**D. Alice Magalhães — Porto,** vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima a concessão de uma graça temporal alcançada mediante uma novena feita em sua honra.

**António Fonseca — Figueira de Castelo Rodrigo,** chego de reconhecimento a Nossa Senhora da Fátima, vem agradecer duas graças que lhe alcançou, curando-o de uns ataques que muito o atormentavam. O outro favor foi concedido a sua filha Mar-

garida que se encontrava doente. Agora completamente curada, atribui este favor a Nossa Senhora da Fátima que em seu beneficio fôra invocada.

**D. Helena Mendes Guilherme — Ajuda — Lisboa,** diz ter tido um grave sofrimento numa vista sem que os especialistas conseguissem tirar-lhe as dores e der-lhe a possibilidade de ver. Um dos dois especialistas que diz ter consultado era de opinião que seria necessário tirar-lhe um dos olhos. Desanimada de tanto sofrer sem ver probabilidades de cura, diz ter invocado em seu favor o valimento de Nossa Senhora da Fátima usando da água do seu Santuário, único remédio que lhe restituira a saúde.

**João Baptista Diego — Cerdeira de Jales,** por ter sido curado de seus padecimentos intestinaes que o impediam de se alimentar convenientemente. Obteve a saúde por intercessão de Nossa Senhora da Fátima a quem seu filho Manuel fizera uma promessa.

**José Vieira — Burgo — Felgueiras,** pela cura que obtivera de Nossa Senhora da Fátima em favor de sua prima Maria Ferreira que sofria do estômago e que se predispunha para a tuberculose.

**D. Rosa Lopes da Silva — S. João de Loure,** por ter alcançado a cura de seu mal, pois sofria da laringe e os médicos não achavam com que a curar. Uma novena a Nossa Senhora da Fátima fôra o único remédio que Deus abençoou para a curar.

**D. Maria da Cruz — Casa de Bragança — Vendas novas,** por uma graça temporal que lhe fôra concedida.

**D. Elvira da Conceição Costa Andrade — Caem,** por ter sido curada, mediante uma novena que fizera a Nossa Senhora da Fátima, de um grave sofrimento no fígado que a ciência médica não conseguira curar, apesar-dos seus esforços.

**D. Beatriz Alcoforado Corte Real — Porto,** pela cura de um incômodo nos olhos de uma sua filha que durante algum tempo suportou esse mal.

**D. Maria de Lourdes Santos — Bragança,** pela concessão de uma graça particular que ao Céu havia pedido por sua maternal intercessão tão poderosa junto de Deus.

**Américo de Oliveira — Paredes de Coura,** pede a publicação do seguinte: «Rosa Ferreira, casada, de 26 anos de idade, foi inesperadamente acometida de uma loucura insuportável, tornando-se perigosa e causando os maiores distúrbios. Como amigo de seu marido, resolvei pedir a Nossa Senhora da Fátima para vir em auxilio da doente. Prometi, se fôsse atendido, publicar a graça da cura na «Voz da Fátima». Passados poucos dias, a doente começou a ficar mais sossegada sem causar já grandes distúrbios, até que tivemos a consolação de a ver em seu perfeito juízo. Profundamente reconhecido e cheio de alegria, venho pedir a publicação desta graça que fôra pedida e alcançada por intercessão de Nossa Senhora da Fátima»

**D. Albertina Correia de Azevedo — S. Miguel de Seide — Famalicão,** diz o seguinte: «Encontrando-se minha irmã gravemente enferma, consultou 3 médicos, sem que estes acertassem com a doença. Cada dia minha irmã se sentia pior, apesar-dos contínuos remédios que tomava. Seu marido resolveu levá-la ao Porto para ser examinada por um especialista. Tal exame feito pelo sr. dr. José Guedes mostrou tratar-se de um tumor uterino exigindo uma operação. Foi indicado como operador o sr. dr. Couto Soares. Ao examiná-la, este clínico mandou que, sem perda de tempo, se internasse no Hospital. Como, porém, não foi possível internar-se nesse mesmo dia, voltou para casa. Ao ter conhecimento de que minha irmã iria ser operada, recorri confiadamente a Nossa Senhora da Fátima

pedindo-lhe a cura de minha irmã. Prometi á Mãe do Céu uma novena e a publicação desta graça se me fôsse concedida.

A doente entrou no Hospital e passados 8 dias voltou a ser examinada. O médico, admirado, declarou não ser já necessária a operação porque a encontravá curada. Voltou para casa, e, pouco depois começou a trabalhar, e como antes de adoecer. Cheia de reconhecimento, como prometi, peço a publicação deste favor na «Voz da Fátima».

**D. Visitação Palos — Malhada Sorda,** escreve dizendo o seguinte: — «Jubilosa cumprio o dever de publicamente dar glória a Nossa Senhora da Fátima pela graça extraordinária da saúde concedida a meu pai. As portas da morte, confortado com os últimos Sacramentos e sem esperança alguma nos recursos da ciência esperava, rodeado dos membros da família, o seu último momento. Na minha aflicção invoquei Nossa Senhora da Fátima prometendo-lhe, em nome do moribundo uma visita ao Seu Santuário, logo que recuperasse a saúde, e mandar publicar tamanho beneficio

Feita a súplica e a promessa, foi visto melhorar sensivelmente até ao completo restabelecimento. Elle, a transbordar de gratidão, visitou já a Virgem Santíssima no lugar bemdito das aparições, e a filha dedicada, cheia de reconhecimento á celeste protectora dos Portuguezes, pede que este favor seja publicado no Jornal da Virgem e de todo o mundo «Voz da Fátima» para maior glória de tão boa Mãe».

**D. Elisa Rosa Ferreira — S. Miguel de Beira,** pelo desaparecimento de um tumor uterino a uma sua amiga e vizinha que esteve para ser operada. **A mesma devota,** por ter sido curada de uma infecção pulmonar que, com outras complicações, inspirava já sérios cuidados e graves incertezas de cura.

**D. Maria de Lourdes Salazar Antunes — Viseu,** pela cura dum seu filhinho que estava gravemente enfermo.

**D. Maria Madeira Gonçalves — Quarteira,** por ter alcançado por intercessão de Nossa Senhora da Fátima, abundantes graças em seu favor e em beneficio de outras pessoas por quem pediu.

**Policarpo Vasconcelos — Vila Praia de Ancora,** por ter alcançado de Nossa Senhora da Fátima a cura de um sofrimento de estômago de que padecia havia mais de um ano, sem que os medicamentos lhe tivessem dado alívio algum.

**Armindo dos Santos Afonso — Santalha,** por ter obtido a cessação de horribes dores de dentes, depois de se ter recomendado a Nossa Senhora da Fátima.

**D. Almerinda Celeste — Mouse,** por ter recebido por intermédio de Nossa Senhora da Fátima diversos favores celestes que pedira.

## NOS AÇORES

**Alfredo Veiga — Cinco Ribeiras — Açores,** diz ter recebido diversas graças por intermédio de Nossa Senhora da Fátima, em seu favor e em favor de sua esposa. Como prometera, vem aqui publicar o seu reconhecimento pela protecção que lhe fôra dispensada do Céu!

**D. Maria de Lourdes da Veiga Moniz — Ponta Delgada — Açores,** deseja agradecer a Nossa Senhora da Fátima uma graça espiritual que lhe foi concedida por sua maternal bondade.

**O Rev. P.<sup>o</sup> João Jorge Brasil — Tôpo — Açores,** diz: — «Leopoldina Reis, achando-se bastante afflita por causa de um sobrinho que, tendo ingerido um pouco de gasolina, esteve em perigo de vida, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, prometendo mandar publicar a graça se a criança recuperasse a saúde. Hoje, vem cumprir a sua promessa, cheia de reconhecimento para com a Virgem que, bem de pressa, despachou a súplica que lhe fôra dirigida».

**D. Maria Moniz Barbosa — Praia do Nordeste — Açores,** diz ter sofrido atrozmente do fígado e intestinos. As prescrições dos diferentes médicos que diz ter consultado, parece que não lhe deram melhoras algumas. Desanimada já dos recursos científicos, impetrou a sua cura de Nossa Senhora da Fátima que, mais uma vez, mostrou o seu poder e bondade favorecendo com a saúde esta doente que, como tantos outros, alcançou a cura dos seus padecimentos por vezes bem dificeis de suportar.

**Francisco Virgínio Bettencourt — Beira — S. Jorge,** por ter sido favorecido com uma graça temporal de que muito carecia.

**D. Almedina dos Santos Bonança — Vila da Povoação,** pelo favor da cura de sua filha mais velha, seriamente atormentada por uma pertinaz febre tifóide que muito a fêz sofrer.

**D. Rosa Diniz — Terceira — Açores,** pela cura de um dos seus filhos que durante três anos sentiu graves sofrimentos no fígado, dos quais julgava já não se libertar.

**D. Maria do Carmelo Forjaz P. Vieira — Angra,** pela graça temporal da colocação de um dos seus filhos, conforme desejava e pedia instantemente.

## NA MADEIRA

**D. Maria Sardinha Jardim — Estreito da Calheta — Madeira,** por ter alcançado uma graça temporal que só atribui ao poderoso valimento de Nossa Senhora da Fátima.

**D. Isabel Dulce Fernandes — Funchal,** pela concessão de uma graça particular que havia implorado.

**D. Antónia Gonçalves Jardim — Estreito da Calheta — Madeira,** por lhe ter sido dada a graça do desaparecimento completo de insuportáveis dores que sofria numa das pernas, sem que a medicina tivesse conseguido minorar-lhas.

# O culto de N.<sup>a</sup> Senhora da Fátima

Na ilha do Corvo celebrou-se com grande luzimento uma festa em honra de Nossa Senhora da Fátima em que tomou parte a Acção Católica local e as várias associações de piedade da freguesia.

No Brasil o Rev.<sup>o</sup> Sr. P.<sup>o</sup> Luís Gonzaga da Fonseca fez várias palestras sobre o culto de Nossa Senhora da Fátima, e entre ellas, três no Seminário de S. Leopoldo, Rio Grande do Sul e duas num colégio de Meninas.

No Rio de Janeiro fêz-se em Outubro com a assistência das mais altas personalidades da colónia portuguesa uma solene cerimónia para pedir a Nossa Senhora da Fátima a graça da paz para o mundo e da tranquillidade para a Terra Portuguesa.

Estavam presentes os representantes do Embaixador de Portugal, do Cônsul Geral e de todas as Associações Portuguezas.

Um novo livro sobre a Fátima — Está já pronto e vai sair dentro em breve um novo livro sobre a Fátima. É publicado em inglês e deve-se á pena do Venerando Sr. Arcebispo de Port of Spain, Dr. Ryan, que esteve mais uma vez na Fátima no mês passado.

EM TIMOR — Missão de Baucau — Fêz-se como preparação uma novena muito solene. De manhã, Missa acompanhada a cânticos; de tarde, terço, prática, novena e Bênção do Santíssimo.

Como a imagem pedida de Nossa Senhora da Fátima não chegou, foi exposta numa mesinha, lindamente adornada, uma estatuetta da mesma Senhora da Fátima, de 0.<sup>o</sup>30.

Se a novena foi solene, porque o foi, o dia 13, dia da festa, mais solene foi ainda.

No dia 12, ao meio dia, chegou um missionário da Missão de Ossú, a fim-de pregar no dia 13, a noite, depois de recolhida a procissão das velas.

A par do número de cristãos, o número de confissões e comunhões foi sempre aumentado.

Nestes 10 dias as confissões atingiram o belo número de 850 e as comunhões elevaram-se a 1.200.

No dia 13, ás 5 1/2 horas da manhã, celebrou-se a primeira missa, a que se abeirou da S. Mesa um grande número de cristãos, muitos dos quais tinham de dar entrada nos seus empregos. A segunda foi celebrada ás 6 1/2 da manhã; foi a Missa da Comunhão Geral das crianças. Umás 250 tributaram, neste dia, á Virgem da Fátima, as homenagens de seus corações puros.

As 8 1/2 horas iniciou-se a Missa solene, durante a qual os meninos e meninas, da Comunhão Geral, dessemphenham primorosamente á Missa.

A Exposição do SS.<sup>o</sup> que se seguiu á Missa solene, prolongou-se até ás 5 1/2 horas da tarde, hora em que, depois de rezada uma oração a Nossa Senhora da Fátima, implorando as suas bênçãos para a Missão de Baucau, se recolheu de novo ao Sacário e se deu começo á procissão das velas. Esta decorreu também na melhor ordem.

A procissão percorreu as principais ruas da vila, igualmente enfeitadas por ordem e sob a direcção dos chefes, que tão generosamente se prontificaram e concorreram para que a festa tivesse o maior esplendor possível. Recolhida a procissão, o Rev. P.<sup>o</sup> Parada, fêz um substancioso e bem elaborado sermão. Aos cristãos, mas dum modo bem particular, aquelles que de alguma maneira concorreram e deram os seus esforços para que a Virgem Nossa Senhora da Fátima fôsse honrada o menos indignamente possível, os meus mais sinceros agradecimentos e que Nossa Senhora da Fátima faça desta Missão, que agora se lhe consagrou, um cantinho da Cova da Iria.

Missão de Baucau, 20/6/39!

\*) Missionário P.<sup>o</sup> Francisco Afonso



Grupo de meninos que fizeram a sua 1.<sup>a</sup> comunhão no dia 13 de maio de 1939 (Baucau)

# A GRANDE PEREGRINAÇÃO DA PAZ

A voz de Sua Eminência o Senhor Cardinal Patriarca de Lisboa, transmitida através da sua notabilíssima Pastoral do dia 3 de Outubro, fez-se ouvir não só no Patriarcado mas em todos os recantos do país. Essa voz foi reforçada pela dos outros venerandos Prelados nas Provisões que publicaram logo após o aparecimento da Pastoral. Por isso acorreram à Fátima centenas de milhares de pessoas de todas as classes sociais e das mais variadas regiões, em peregrinação de penitência e de súplica pela paz do mundo.

Grupos de peregrinos chegam de várias terras entoando cânticos em honra da Virgem. Na Penitenciária ouvem-se confissões, as dos homens durante toda a noite, as das mulheres desde o amanhecer.

Sua Eminência o Senhor Cardinal é acolhido à chegada com carinhosas manifestações de apreço e simpatia. Entre o Clero, paroquial e não paroquial, de todas as dioceses do país, destaca-se a veneranda figura de asceta do sr. dr. Francisco Cruz.

## A procissão das velas e a Adoração Nacional

Foi cheio de grandiosidade o espectáculo nocturno da procissão das velas. O céu escurecido, sem luar e sem estrelas, fazia realçar pelo contraste a beleza do incomparável cortejo.

Era impressionante o fervor da multidão que em número de muitos milhares de pessoas circulava pelas avenidas do recinto sagrado empunhando lumes, rezando o terço e cantando o *Ave*.

A grande serpente de luz deslocou-se desde a ala esquerda da Cova da Iria até junto do portão principal do Santuário e voltou em seguida pela avenida central para a esplanada em frente da Basílica.

Durante a hora de adoração geral, Sua Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Arcebispo de Évora prega sobre os mistérios dolorosos do Rosário. O seu primoroso discurso, que versou sobre a guerra e a necessidade da reparação, sobre esse horrível flagelo e o seu interminável cortejo de misérias materiais e morais e sobre os meios de fazer violência ao Coração de Deus para alcançar a paz, é ouvido com a maior atenção.

*«A guerra é um castigo—frisa o venerando Prelado. A guerra é a negação de Cristo cuja palavra é de amor e de perdão. Em nome de Cristo e a Cristo só pode pedir-se a paz, mas a paz reparadora de agravos, de injustiças e de violências. Portugal é um oásis de paz bendita no meio da tormenta». A seguir refere-se com voz comovida ao martírio da infeliz Polónia: «Após um esforço heróico de luta, a Polónia, país cristão, viu-se esfacelada, esmagada. Pobre Polónia! Ainda há pouco tão florescente e confiada na justiça da sua causa! Não podemos deixar de sentir a injustiça que esmagou um povo com direito à sua independência! Oremos pela Polónia. Se é funda a amargura de ter perdido a sua independência, maior é a de esse povo, privado da liberdade de professar e praticar a sua fé, ver os seus filhos arrastados às prisões pelo crime de serem católicos».*

O Senhor Arcebispo prossegue: *«Meditemos nos mistérios do Santíssimo Rosário. É de angústia e expiação a hora que passa, como a odisséia que o Salvador percorreu nas horas movimentadas da sua Paixão. Nós vivemos em paz, mas não podemos permanecer indiferentes às dores, às torturas alheias. Nós não viemos aqui julgar ninguém. Nós não viemos aqui pedir castigo para ninguém. Viemos aqui pedir a Deus que se compadeça de nós. Confieemos n'Ele!»*

Quando terminou a brilhante alocução, de todos os corações subia para o Céu, mais intensa, mais veemente do que nunca a prece pela paz — pela paz de Portugal e pela paz do mundo.

## As missas e comunhões A bênção dos doentes

É já manhã. As Missas sucedem-se umas às outras, sem interrupção, em todos os altares. Os Servitas conduzem para o hospital os doentes em carros e em macas. São cancerosos, cegos, paralíticos, tuberculosos, vítimas emfim de toda a sorte de doenças e enfermidades. Todos têm a mesma fé, os mesmos anseios, a mesma espiritualidade viva e irradiante... É admirável a solicitude das Servitas em atender às múltiplas necessidades dos doentes. O sr. dr. Pereira Gens, director dos serviços médicos, assistido pelos srs. drs. João Bettencourt, Silva Santos, Correia Guedes, Gualdino de Queirós, Weiss de Oliveira e outros distintos clínicos, vão-nos inspecionando.

No Albergue, entre os doentes internados, vêem-se vinte e um tuberculosos do Sanatório de Covões rodeados do cuidado e carinho das Religiosas suas enfermeiras.

Mais de cinquenta sacerdotes atendem em confissão durante toda a manhã os peregrinos que depois vão receber o Pão dos Anjos.

Foram cerca de dez mil as comunhões.

A Missa da comunhão geral foi celebrada por Sua Eminência o Senhor Cardinal, seguindo-se os outros Ex.<sup>mas</sup> Prelados.

## A procissão com a Imagem

Terminadas as cerimónias preparatórias, organizou-se a primeira procissão com o andar da Virgem da Fátima que foi transportado aos ombros dos Servitas. A frente caminhavam numerosas agremiações católicas com os seus estandartes, destacando-se especialmente as deputações e bandeiras da Mocidade Portuguesa Feminina, Congregados do Porto, J. E. C.; Liga da Acção Católica Feminina; Filhas de Maria de Portalegre; Santuário da Quinta dos Vales, Coimbra; Conferências de S. Vicente de Paulo, da Foz do Douro; diversas Instituições de Águeda, Louçã, Alfeizerão, Alcobaca, Ermezinde, Costa da Caparica; freguesias de S. Tiago, S. Miguel, e Santo Estêvão de Alfama, Colares e Nossa Senhora da Conceição, do Porto; Juventudes Católicas de Algés, Ermezinde, Leiria, Olivai, e uma grande massa de raparigas da Juventude Católica Feminina.

As representações sucediam-se longas filas de sacerdotes e seminaristas e mais atrás iam os venerandos Prelados e Sua Eminência o Senhor Cardinal Patriarca.

Na fila dos Prelados marchava à frente o Senhor Dom António Augusto de Castro Meireles, Bispo do Porto, seguido dos Senhores Dom José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria; Dom Finbar Ryan, Arcebispo de Port Spain (Antilhas), o sábio missionário irlandês que levou até às terras da América a fama dos milagres da Fátima; Dom Albino Menendez Reigada, Bispo de Tenerife; Dom Rafael da Assunção, Bispo de Cabo Verde; Dom António Antunes, Bispo-Conde de Coimbra; Dom Agostinho de Jesus e Sousa, Bispo de Lamego; Dom José do Patrocínio Dias, Bispo de Beja; Dom Manuel Mendes da Conceição Santos, Arcebispo de Évora; Dom António Bento Martins Júnior, Arcebispo Primaz de Braga, e, a fechar o majestoso cortejo prelatício, Sua Eminência o Senhor Cardinal Patriarca de Lisboa, Dom Manuel Gonçalves Cerejeira. Atrás ia o andar de Nossa Senhora da Fátima precedido de alguns anjinhos e por fim numerosa multidão de fiéis.

Terminada a peregrinação, Sua Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Arcebispo Primaz de Braga celebrou a Missa em rito bracarense.

Ao Evangelho Sua Eminência o Senhor Cardinal Patriarca, junto do microfone, pronunciou uma comvente alocução que noutra lugar reproduzimos.

A bênção eucarística foi o número mais comovedor de todas as solenidades. Os doentes, uns deitados em macas e outros sentados em carros de mão ou ajoelhados, aguardavam, num sentimento misto de resignação e de esperança, que Jesus-Hóstia, por intercessão de Maria Santíssima, lhes minorasse os sofrimentos.

A grande multidão que se aglomerava na vasta esplanada respondia em cântico às invocações proferidas ao microfone por um sacerdote. Lágrimas de comoção afloraram a todos os olhos.

Sua Eminência dá entretanto a bênção a cada um dos doentes que eram em número de cerca de 350.

## O final

O Venerando Prelado de Leiria falou em seguida agradecendo a Sua Eminência, aos Prelados das outras dioceses e aos Bispos estrangeiros o terem ido à Fátima.

Voltando-se depois para os peregrinos, disse:

*«Quero anunciar-vos que vou entregar a Nossa Senhora os Livros de Ouro com a inscrição dos nomes de todas as famílias que prometeram rezar diariamente o terço. No Livro de Ouro não figuram só nomes de portugueses. Figuram também — acentuou com regozijo — nomes de famílias da França, Espanha, Bélgica, Alemanha, Itália, América do Norte, Brasil, etc.»*

Por fim, realizada a última procissão, Sua Eminência fez, na capela das aparições, a costurada consagração dos peregrinos a Nossa Senhora. Consagrou-lhe igualmente as famílias portuguesas como encerramento da Campanha da Família pedindo à Virgem Santíssima que fizesse florescer nos lares da nossa terra as virtudes do Lar de Nazaré.

Estava terminada uma das mais importantes manifestações de fé e piedade de que até hoje tem sido teatro a Cova da Iria: manifestação colectiva de Portugal em voto de paz.

Espectáculo magnífico e altamente reconfortante nesta hora em que tantas almas angustiadas voltam os olhos e as mãos suplicantes para o Céu na esperança de serem aliviados tantos males, tantas calamidades, que esmagam a pobre humanidade.

Visconde de Montelo

## FALA UM MÉDICO

XLI

# A GUERRA

Na Primavera de 1932 fiz a minha última viagem à Alemanha, visitando as universidades das regiões próximas do Reno.

A vida era caríssima e notava-se ali grande agitação política. Organizava-se então o partido nacional-socialista e os jovens estudantes católicos mostravam-se ardentes partidários de Hitler.

Durante alguns dias convivi largamente com professores e alunos, com os quais me sentei um dia à frugal e simpática *menso acadêmica*.

Conversando com um colega mutilado na chamada grande guerra, disse-me ele, através da sua boca, transformada num buraco disforme, de bordos franziaos como os da boca dum saco: — «Está enganado; a guerra não acabou com o tratado de Versalhes, que nada resolveu. Nós atravessamos apenas uma trégua».

Confirmei-me inteiramente o que me disse, há sete anos, o anatómico alemão.

As nações criadas artificialmente por aquele tratado vão desaparecendo pouco a pouco, umas pela astúcia diplomática do nazismo e outras pela força das armas.

Estávamos realmente num período de tréguas e, com efeito, nada resol-

# CRÓNICA FINANCEIRA

É impressionante a frequência com que se estão cometendo por esse país fora os mais graves crimes. Rara é a semana para não dizer o dia, em que os jornais não noticiam um crime horrível. A brandura dos nossos costumes que através de muitos séculos foi o encanto da vida portuguesa e tão fundamente impressionou estrangeiros ilustres que visitaram o nosso país com olhos de ver, essa brandura de costumes parece estar a dissolver-se numa onda de selvajaria. Já nem a infância escapa à fúria bestial da fera humana... É horrível, mas não é de admirar.

A brandura dos nossos costumes não era espontânea, porque o homem não nasce bom, como supunha Rousseau. O homem nasce com instintos selvagens e é a educação que lhe ensina a reprimir as suas más inclinações. Sem uma educação apurada, o homem nem sequer saberá distinguir o bem do mal. A brandura dos nossos costumes pressupõe educação popular apurada e fecunda, exercida com persistência através de inúmeras gerações. E de facto essa educação existiu e era a Igreja que a ministrava.

A catequese exerceu-se em Portugal através dos oito séculos da sua existência, com a maior eficácia. Todos os portugueses eram ensinados com minúcia na doutrina cristã. As Ordens religiosas, com o exemplo salutar e fecundo dos seus santos, com a palavra eloquente dos seus apóstolos e missionários, com a sua actividade em todos os campos do pensamento e da acção, envolviam o país numa atmosfera de piedade e de pureza eminentemente educativas. A educação religiosa da nação era a base e a substância, da sua educação moral e cívica.

Enquanto a Igreja Católica foi rica, a educação do país fez-se sem interrupções nem descuidos, e a brandura dos nossos costumes era a natural consequência dessa educação esmerada e persistente. O Estado, por sua vez, ajudava a Igreja cobrindo-a de prestígio e de autoridade à altura dos excelsos serviços que ela prestava à Nação.

Mas, com o tempo tudo mudou. Já o Constitucionalismo, expoliando a Igreja do melhor dos seus haveres e extinguindo as Ordens religiosas que formavam as suas mais adestradas milícias, vibrou golpe fundo na educação nacional. Mas a Revolução de 5 de Outubro fez muito pior, porque, não só levou à Igreja os últimos restos do seu património, mas ainda lhe retirou todo o apoio do Estado para a sua obra educativa. Pior

vera em definitivo o tratado de Versalhes.

Em 1918 os antigos impérios centrais não foram vencidos pelas armas, mas antes pela fome. E os chamados vencedores, levados por espírito satânico, desmoronaram a Áustria católica, mantendo a supremacia da Alemanha, onde o cristianismo luterano em breve resvalaria para o paganismo.

O erro de 1918 fez com que a água prussiana, fosse, pouco a pouco, dominando grandes países de população católica: a Baviera e às regiões renanas juntou-se a Áustria e a Boémia e ultimamente, a-pesar-da heróica resistência da Polónia, o seu completo esmagamento, quando escrevo estas linhas, parece inevitável.

Tudo é confuso no panorama guerreiro de 1939 e ninguém pode prever o que sairá daqui.

Incerta como a dos homens é a probidade das nações que eles formam. Como e quando há-de terminar o horrendo conflito só Deus o sabe.

Na minha qualidade de médico, de português e de católico, tenho fé que a nossa padroeira, a Virgem Nossa Senhora da Fátima, Rainha da Paz, nos acuda, inspirando a quem nos governa a necessária prudência para nos afastar o mais possível dos horrores da guerra.

E faça votos para que, após ela, os nossos irmãos em crença, espalhados por todo o mundo, possam gozar a necessária liberdade religiosa.

ainda, levou o Estado a combater por todas as formas a acção educativa da Igreja.

Todos os portugueses de coração e de cabeça que assistiram a essa obra nefasta levada a cabo por energúmenos, ficaram esperando dela os piores frutos que infelizmente não tardaram. Eles aí estão à vista e o pior é que o povo ainda não viu bem a raíz do mal. Se os homens de hoje, pais de família, vissem bem que a má criação da mocidade e da pequenada que por aí campeia infrene, vem direita da falta de cultura religiosa, seriam mais solícitos em mandar seus filhos à catequese. É na catequese que se aprende a educação religiosa que é a base de toda a educação. A razão é isto que diz e a experiência de todos os dias o confirma. Mas há tanto brutinho por esse mundo que o não compreende...

Pacheco de Amorim

## Tiragem da «Voz da Fátima»

NO MÊS DE OUTUBRO

Algarve ... ..	5.466
Angra ... ..	19.996
Aveiro ... ..	6.337
Beja ... ..	3.699
Braga ... ..	85.637
Bragança ... ..	13.852
Coimbra ... ..	14.375
Évora ... ..	5.334
Funchal ... ..	15.647
Guarda ... ..	21.928
Lamego ... ..	12.546
Leiria ... ..	15.671
Lisboa ... ..	11.874
Portalegre ... ..	10.863
Porto ... ..	56.992
Vila Real ... ..	27.658
Viseu ... ..	10.109
<b>Total ... ..</b>	<b>337.984</b>
<b>Estrangeiro ... ..</b>	<b>3.896</b>
<b>Diversos ... ..</b>	<b>16.100</b>
<b>Total ... ..</b>	<b>357.980</b>

## VOZ DA FÁTIMA

Despeza

Transporte ... ..	1.927.705\$18
Franquias, embalagens, transporte do n.º 205 ... ..	5.086\$16
Papel comp. e impressão do n.º 205 (357.980 ex.) ... ..	15.972\$58
Na Administração ... ..	100\$00
<b>Total ... ..</b>	<b>1.948.863\$92</b>

Donativos desde 15\$00

Leopoldina Silve Duarte — Maia, 25\$00; Etelevina Machado — Mascotelos, 50\$00; M.<sup>a</sup> Lourdes Nunes — Açores, 20\$00; José Freitas Lima — Mascotelos, 40\$00; M. F. Martins — Geórgia-América, 40\$00; Domingos Pulido Garcia — Serpa, 20\$; Coronel Artur d'Al.ª Eça — Póvoa de Varzim, 30\$00; Irene Aguiar — Luanda, 20\$00; José Claro — Atougua da Baileia, 25\$00; Jacinto Correia — ibidem, 25\$; P.<sup>o</sup> Eduardo Marques — Angra, 20\$; Aurora Macedo — S.<sup>o</sup> Marta de Penaguião, 20\$; Rosa Favalos — Chaves, 50\$00; Ana de Sousa — Évora, 20\$00; Júlia Aranha — Areosa, 20\$; Maria M. Couto — Gondomar, 50\$; Ana Patrocínio Neves — Lisboa, 120\$00; P.<sup>o</sup> Henrique Garcia — Almalaguez, 15\$00; Inácia Dias — Turcifal de Baixo, 40\$00; João Germano Matos — Lisboa, 50\$00; Manuel Jorge Mira — Lavre, 100\$00; Joaquim G. Barbosa — Setúbal, 30\$; Emília Carmo Neto — Espinho, 50\$; Adriana Vaz Pinto — Lisboa, 30\$00; P.<sup>o</sup> Sebastião Rodrigues dos Santos — Fundada, 100\$00; Joaquim S. Ribeiro — Porto, 20\$00; António Andrade — América, 15\$00; Efigénia Olímpio — Caria, 20\$00; P.<sup>o</sup> António José Quesado — Outeiro, 15\$00; Maria Isabel Russo — Cabeço de Vids, 52\$00; P.<sup>o</sup> Ismael Augusto Guedes—Lamego, 20\$00; Maria Duarte Santos — Lisboa, 20\$00.

P. L.